

A Pirâmide De Glasser E Suas Aplicações No Ensino De Ciências: Um Relato De Experiência

Felix, Márcia S¹; Cruz, Israel S¹; Luz, Carla Patrícia N¹

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, BA, Brasil

E-mail para contato: felixmarcia394@gmail.com; ixr4ell@gmail.com; carlapnluz@uesb.br

O ensino de Ciências tem passado por mudanças ao longo do tempo, tanto no currículo quanto nas metodologias, visando aprimorar o processo de ensino e aprendizagem. Essas transformações buscam superar os limites do modelo tradicional e promover uma pluralidade metodológica, favorecendo a adoção de abordagens mais ativas e construtivistas. William Glasser criou uma pirâmide que representa o grau de aprendizado dos estudantes conforme as abordagens utilizadas, com as metodologias passivas no topo e as ativas na base, mostrando diferentes taxas de assimilação. Embora as metodologias ativas possam proporcionar melhores resultados, cada estudante tem preferências e experiências que influenciam suas áreas de interesse, tornando difícil generalizar a porcentagem de aprendizado. Esta pesquisa é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso e relata uma experiência com 27 alunos do 8º ano em uma escola pública da Bahia, aplicando quatro metodologias da pirâmide de Glasser: Ler, Ver e Ouvir, Praticar e Ensinar, em uma sequência didática com 8 encontros sobre o Sistema Sol-Terra-Lua. O objetivo foi analisar como as diferentes abordagens de ensino de Ciências se relacionam com a proposta da pirâmide de Glasser. A coleta de dados incluiu questionários, e o estudo adotou uma abordagem qualitativa interventiva. Os dados foram analisados pela metodologia de análise de conteúdo de Bardin. A primeira metodologia aplicada (ver vídeo) consistiu na apresentação de um documentário sobre a “Formação do planeta Terra”. Os alunos responderam a um questionário prévio, no qual muitos mencionaram crenças religiosas sobre a origem da Terra. Após a exibição, no segundo questionário, muitos tiveram dificuldades de compreensão, atribuídas à infraestrutura da sala de vídeo, embora alguns tenham mostrado assimilação parcial do conteúdo. A segunda metodologia envolveu a leitura de um texto sobre os movimentos da Terra e o ano bissexto. O questionário prévio revelou que alguns alunos tinham um conhecimento sólido, mas muitos confundiam os termos. Após a leitura, o segundo questionário indicou que, apesar de alguns identificarem os conceitos, ainda tinham dificuldades em explicar sua importância. A terceira

metodologia (praticar) consistiu em um trabalho em grupo sobre as estações do ano, em que os alunos criaram maquetes. O questionário prévio mostrou que muitos tinham conceitos equivocados, e, após a entrega das maquetes, um novo questionário indicou que, apesar do aumento do engajamento, a maioria não relacionava corretamente os movimentos da Terra com as estações. Na quarta metodologia (ensinar), os alunos organizaram seminários em grupos sobre eclipses, fases e movimentos da Lua, escolhendo a forma de apresentação. Os questionários prévios revelaram dificuldades significativas nos temas. As apresentações, com jograis e encenações, criaram um ambiente interativo que favoreceu a aprendizagem. Após as atividades, um segundo questionário indicou uma melhora na compreensão, embora algumas dificuldades ainda persistissem. A pesquisa destacou que a aplicação isolada das metodologias foi ineficaz, ressaltando a necessidade da mediação do professor e da diversidade metodológica para atender aos diferentes estilos de aprendizagem. Além disso, foi evidenciada a importância de valorizar o trabalho docente e investir em recursos e políticas públicas para garantir uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Ensino de Ciências. Pluralidade Metodológica. Pirâmide de aprendizagem.

